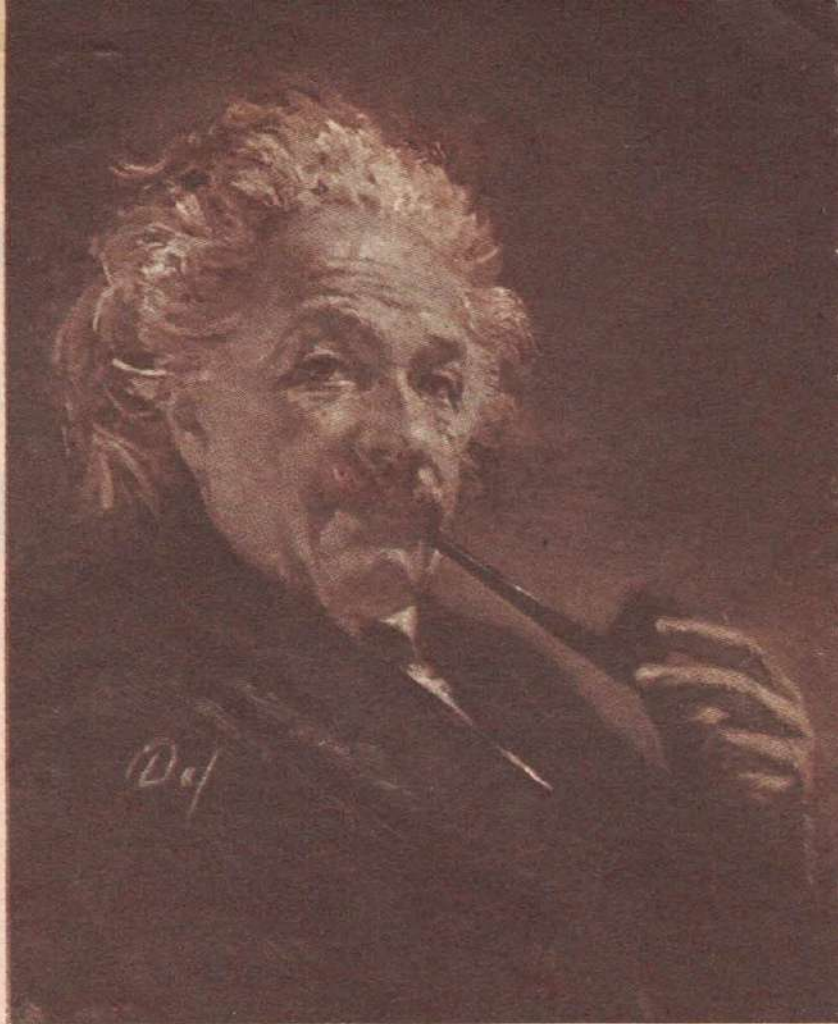


Einstein: O Homem Por Trás do Gênio



A despeito da sua quase sobre-humana dedicação à ciência, Albert Einstein (1879-1955) não conseguiu ocultar a personalidade que o tornou caro aos olhos dos milhões de pessoas que compreendiam apenas vagamente como a sua teoria da relatividade havia transformado a concepção que o homem tinha do universo. Em sua biografia recentemente publicada, Einstein, The Life and Times, Ronald W. Clark diz que «por trás do grande homem, havia no seu olhar uma permanente malícia, uma irreverência fundamental diante da autoridade e um inesperado senso do ridículo capaz de fazê-lo dar gargalhadas de estremecer as vidraças». Eis aqui, condensados e adaptados do livro de Clark e diversos outros, vários instantâneos reveladores de Einstein, o homem.

CERTA VEZ, com quatro ou cinco anos de idade, Albert estava doente, de cama, e o pai lhe trouxe uma bússola de presente. As consequências foram sensacionais. Havia ali uma agulha, isolada e ina-

tingível, totalmente lacrada, e contudo presa de uma força invisível que a arrastava permanentemente para norte. Para o menino Albert, a agulha magnética foi uma revelação. Não encaixava no seu mundo.

Desafiava a imagem simples, infantil, da sua ordem de coisas.

— Helen Dukas e Banesh Hoffmann

TIVE aulas de violino dos seis aos 14 anos, mas não tive sorte com os professores, para quem a música não passava de exercícios mecânicos. Só comecei realmente a aprender alguma coisa depois que me apaixonei pelas sonatas de Mozart. Tentar reproduzir sua elegância singular compeliu-me a melhorar a minha técnica. Acho que, de modo geral, o amor é melhor mestre que o senso do dever.

— Albert Einstein, citado por Helen Dukas e Banesh Hoffmann

ÀS VEZES me pergunto por que havia de ser eu a desenvolver a teoria da relatividade. A razão, penso, está no fato de que um adulto normal nunca se detém a pensar sobre problemas de tempo e espaço. Essas são coisas em que ele costumava pensar quando criança. Eu comecei a me preocupar com tempo e espaço só depois de grande. Naturalmente, pude me aprofundar no problema mais que uma criança.

— Albert Einstein, citado por Ronald W. Clark

EM 1916, depois de uma década de esforços que haviam culminado na teoria geral da relatividade, Einstein foi à Holanda visitar o físico H. A. Lorentz, de 63 anos de idade, a quem considerava «a maior e mais nobre figura humana do nosso tempo». Um amigo comum, Paul Ehrenfest, des-

creveu o encontro, no estúdio de Lorentz: «Providenciou-se um charuto para a visita, e só depois Lorentz começou a formular uma pergunta, sutilmente elaborada, em relação à teoria de Einstein.

«Quando ele terminou a pergunta, Einstein se inclinou sobre a tira de papel em que Lorentz havia anotado fórmulas matemáticas à medida que falava. Einstein ficou enrolando pensativamente uma mecha de cabelo sobre a orelha direita. Lorentz sorria-lhe como um pai que olha o filho predileto — confiante em que o jovem resolveria a charada que lhe havia proposto, mas querendo ver como o faria.

«De repente, a cabeça de Einstein se ergueu alegremente; dera com a resposta. A discussão ainda demorou um pouco, ambos interrompendo-se um ao outro, uma discordância parcial aqui, um esclarecimento rápido ali, entendimento mútuo, e ali estavam os dois, os olhos brilhando, repassando a extraordinária riqueza da nova teoria.»

— Martin J. Klein

ELSA, a segunda mulher de Einstein, não participava do seu trabalho científico. Mas o relacionamento deles dominaria a vida privada do físico. Quando este surgia do escritório, chupando o cachimbo, Elsa trazia-o suavemente à realidade, como se acordasse um sonâmbulo. Aos poucos, ia chamando a sua atenção para as pessoas presentes ou para a comida no prato.

Um dia, ela disse-lhe: «As pessoas

falam constantemente do seu trabalho. Eu pareço uma boba quando digo que não sei nada a respeito. Será que você não poderia me falar um pouco sobre o que faz?»

Ele pensou um momento. «Bem...», começou, com visível esforço. De repente, seu rosto se iluminou: «Se alguém perguntar, você diz que sabe tudo o que eu faço, mas não pode contar nada, porque é um grande segredo.»

— Antonina Vallentin, jornalista, amiga da família

A ACADEMIA Nacional de Ciências de Washington estava homenageando vários nomes famosos, nenhum deles um orador extraordinário. Os discursos se arrastavam monótonos. Para mim, era constrangedor, mas Einstein, sorrindo, inclinou-se para um holandês a seu lado e sussurrou-lhe qualquer coisa. O holandês voltou-se rapidamente para o outro lado, tratando de sufocar o riso. «Que foi que disse Einstein?» perguntamos depois. «Ele disse: 'Acabo de conceber uma nova teoria da Eternidade.'»

— Harlow Shapley, astrônomo

Resposta de Einstein, em 1921, ao pedido de repórteres para explicar a relatividade em poucas palavras:

«Se vocês não levarem a resposta muito a sério, considerando-a apenas como uma espécie de brincadeira, posso explicar da seguinte maneira: antigamente se acreditava que, se todas as coisas materiais desaparecessem do universo, restariam o

tempo e o espaço; de acordo com a teoria da relatividade, entretanto, o tempo e o espaço desaparecem juntamente com as coisas.»

— Ronald W. Clark

SURTIU na Alemanha uma organização atacando a relatividade como fazendo parte de uma trama semita para corromper o mundo. Em 1920, quando essa organização alugou o Teatro Filarmônico de Berlim para realizar ali uma demonstração contra a relatividade e contra Einstein, ele foi ao comício, ocupou um camarote e parecia estar-se divertindo. Diante dos pronunciamentos mais absurdos, o cientista era visto rindo a bandeiras despregadas e batendo palmas de pura zombaria.

— Ronald W. Clark

Observação feita por Einstein depois que a revista Scientific American ofereceu um prêmio de 5.000 dólares para a melhor exposição da teoria da relatividade em 3.000 palavras:

«Dentre os meus amigos, sou o único que não está concorrendo. Não acho que sou capaz de fazê-lo.»

— Ronald W. Clark

AS VISITAS de Einstein a Bruxelas e os mesmos gostos musicais e poéticos transformaram em amizade seus contatos com a família real belga. Para Einstein, essa amizade não tinha nada de mais. Certo dia o vi esvaziando os bolsos à procura de um pedaço de papel. Eram bolsos de menino: canivete, barbantes, biscoitos quebrados. Finalmente apareceu uma folha de papel. Era um poema que a Rainha da

Bélgica lhe dedicara. Embaixo da folha cor de marfim havia algumas palavras e números escritos com a letra miúda e regular de Einstein. Procurei ver o que era. Cálculos imortais ao lado do autógrafo real? E li: «Ônibus, 50 pfennigs, jornal, papel para escrever, etc.» Despesas diárias, cuidadosamente anotadas, entrelaçadas ao arabesco do «E» régio!

— Antonina Vallentin

EM 1933, rumores sobre uma trama para assassiná-lo fizeram que Einstein fugisse para a Inglaterra. Combinamos que ele posaria para mim durante uma semana em seu asilo provisório. Einstein apareceu de suéter, a vasta cabeleira esvoaçando ao vento. Seu olhar era profundamente humano, um misto de humor e gravidade. Gostava de uma boa piada e gozava muito os professores nazistas, dos quais 100 se haviam reunido em livro para condenar a sua teoria. «Se eu estivesse errado», disse, «um professor seria mais que suficiente.»

— Jacob Epstein, escultor

UM DIA depois de Einstein mudar-se para sua casa definitiva no Instituto de Altos Estudos da Universidade de Princeton, em Nova Jersey, o telefone tocou no escritório do reitor. A voz do outro lado do fio perguntou: «Posso falar com o Reitor Eisenhart, por favor?» Informada de que meu pai não se encontrava no momento, a voz continuou: «Talvez então a senhora possa dizer-me onde mora o

Dr. Einstein.» A secretária de meu pai respondeu que não poderia fazê-lo, pois o Dr. Einstein desejava que a sua intimidade não fosse violada. A voz ao telefone se transformou então num quase sussurro: «Por favor, não conte a ninguém, mas aqui fala o Dr. Einstein. Estou querendo ir para casa, mas esqueci onde fica!»

— Churchill Eisenhart, citado por Ronald W. Clark

A BORDO do barco à vela de Einstein, a conversa ia de graves ponderações sobre a natureza de Deus, do universo e do homem a assuntos ligeiros. De repente, Einstein, olhando para o céu, comentou: «Não sabemos nada disso. Nosso conhecimento é o de meninos de colégio.»

«Você acha que chegaremos algum dia a desvendar o mistério?»

«Talvez», disse ele, sacudindo os ombros, «venhamos a saber um pouco mais do que hoje. Mas a verdadeira natureza das coisas — isso nunca, nunca saberemos.»

— Chaim Tschernowitz, citado por Ronald W. Clark

PERGUNTEI a Einstein: «Acredita que tudo que existe pode ser expresso cientificamente?»

«Acho que seria possível», respondeu ele, «mas não teria sentido. Seria uma descrição sem significado algum... como se descrevêssemos uma sinfonia de Beethoven como variações da pressão de ondas.»

— Hedwig Born, mulher do físico Max Born, citada por Ronald W. Clark

O MÉDICO apareceu na sua casa em Princeton trazendo remédios sob a forma de dragéias e gotas, sem saber as preferências do paciente. Einstein escolheu as gotas. «Lembro-me ainda», diz um colega, «do médico ali em pé, contando as gotas que caíam no copo. Einstein engoliu tudo de uma só vez, ficou meio verde e começou a vomitar. A seguir, virou-se para o médico e perguntou: 'Como é, sente-se melhor agora?」 — Ronald W. Clark

Comentário sussurrado por Einstein ao ouvir-se elogiado num jantar formal:
«É, mas não usa meias!»

— Ronald W. Clark

UM RABINO escreveu-lhe que procurava em vão confortar a filha pela morte da irmã, «uma criança sem pecado».

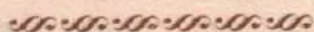
«Um ser humano», respondeu Einstein, «é parte do todo que nós chamamos 'universo', uma parte limitada no tempo e no espaço.

Ele experimenta-se, e aos seus pensamentos e sentimentos, como algo separado do resto — uma espécie de ilusão de ótica da globalidade, da sua consciência total. Esta ilusão é para nós uma espécie de prisão, limitando-nos aos nossos desejos pessoais e a amar uns poucos indivíduos que nos são próximos. Nosso objetivo deve ser libertar-nos dessa prisão pelo alargamento do nosso leque de amor, a fim de abrangermos todos os seres vivos e toda a Natureza em seu esplendor. Ninguém é capaz de consegui-lo integralmente, mas o esforço para atingir esse resultado é em si mesmo parte da libertação e um alicerce para a estabilidade interior.»

Einstein morreu a 18 de abril de 1955, aos 76 anos. Até ao fim, opôs-se irredutivelmente a que seu corpo fosse exposto ao público, pedindo que o cremassem sem cerimônias. Suas cinzas foram espalhadas num local ignorado.

— Walter Sullivan, em *Times*, de Nova York

AGRADECIMENTOS: Ronald W. Clark, *Einstein, The Life and Times*, copyright © 1971 de Ronald W. Clark; Jacob Epstein, *Let There Be Sculpture*, G. P. Putnam's Sons, copyright © 1940 de Jacob Epstein; Helen Dukas e Banesh Hoffmann, *Albert Einstein, Creator and Rebel*, The Viking Press, Inc., copyright © 1972 de Helen Dukas e Banesh Hoffmann; Martin J. Klein, *Paul Ehrenfest, Vol. 1: The Making of a Theoretical Physicist*, copyright © 1970 de North-Holland Publishing Co. (Amsterdã); Harlow Shapley, *Through Rugged Ways to the Stars*, copyright © 1969 de Charles Scribner's Sons; Walter Sullivan, «The Einstein Papers: Part III», *Times*, de Nova York (29 de março de 1972), © 1972 de The New York Times Co.; Antonina Vallentin, *The Drama of Albert Einstein*, copyright © 1954 de Antonina Vallentin.



QUEM consegue ver plantar uma árvore sem se emocionar? Mais que um trabalho, é uma cerimônia. Há nisso qualquer coisa de sacramental, um gesto que implica fé na vida, na continuidade da vida.

— R. C.